

Bestial

Marlon Guedes Menezes

Bestial

Este livro é dedicado a todos os meus amigos de infância que se reconhecerem nesta obra. Um abraço ! Não foi por mal.

Com Amor para Ana Júlia e Julinha.

As primeiras linhas começam sempre com cores suaves e só depois de um tempo vão sendo carregadas com tons e retoque mais bizarros e macabros, mas vocês não devem parar para ver o horror depois. Ele está aqui de qualquer jeito, pois é uma coisa típica de Daisy. Vocês podem se sentir espreitados por uma certa sensação numa bela manhã de verão, em pleno janeiro, enquanto o sol salpica de luz deslumbrante o chafariz angelical da Praça Roosevelt. Ou apenas se deixar envolver pelo olhar decrépito do seu casario secular numa noite qualquer. As casas coloniais de Daisy são como velhas e esquecidas ilhas à deriva num continente escuro de miséria e perversão. Vocês nunca verão casas como estas em outro lugar. A velha catedral com sua silhueta quase oriental tem uma expressão decadente de prostituta viciada, assim como o seu perfil insular cravado nas areias brancas e tépidas do Atlântico. Um grande rio a corta de norte a sul, e às vezes, ele se torna ruidoso ou silencioso demais, como se estivesse guardando um luto incômodo, enquanto desemboca na baía e singra por baixa da antiga ponte de colunas de madeiras. Às vezes é possível testemunhar alguns garotos trepando o peitoril e pulando lá embaixo, direto nas águas turvas, tal trapezistas num circo russo. Se algum de vocês estiver num ônibus poderá corresponder aos acenos cheios de intrepidez e triunfo que eles fazem. Eles riem e saltam sobre o Almada lá em baixo. Porém, não se iludam. Eu os prevenir sobre a natureza peculiar da cidade, sobre o modo como ela atua no habitante daqui. Vocês ficariam estarecidos com o número de vezes em que alguns desses garotos e garotas preferem pular direto no asfalto quente da 2 de Julho, ou nas ruínas pontiagudas do velho edifício Kaufman, com seus vergalhões de uma polegada expostos, ou nos conveses das embarcações que frequentemente vem atracar no cais precário do antigo porto. Vocês apenas ouvem o barulho de algo se partindo ou

estourando e logo depois veem uma mancha terrível lá em baixo, sendo observada por algumas expressões cheias de terror e de asco.

A Morte, de certa maneira, está sempre dando um jeito de dar às caras por aqui, como um hóspede que se recusa ir embora. Bem, morre-se em qualquer lugar do mundo, algum de vocês pode argumentar, e eu acredito. Morrer é da natureza, mas morrer duas vezes, como William Morel morreu, eu já não acho certo; empalar o próprio filho como o Treinador Flores fez, muito menos. São fenômenos de insanidade bestial típicos daqui de Daisy.

Alguns falam que tudo isso é devido a aura de sensualidade do lugar, já que nenhuma outra cidade pequena do estado tem um histórico de crimes passionais tão hediondos quanto aqui. Dizem até, que outrora, em tempos mais abomináveis do que este, o próprio Belzebu desceu aqui para pernoitar entre as pernas quentes e hospitaleiras de uma garota de vida. Os mais velhos ficam à janela a sussurrarem sobre seres grotescos que vivem na mata e que são resultados do cruzamento hediondo de mulheres com animais, de homens com cadáveres, destes com outros seres, e de cuja linhagem vil descende uma raça misteriosa que vive nas trevas da floresta, e que são entes disformes por causa dessa infâmia genética maligna e dotados de libido descomunal.

Tais rumores ilógicos podem parecer até hilários nesses tempos cheios de racionalidade e de certezas absolutas propagadas pela internet, mas durante a grande seca de 1915, algumas garotas de famílias menos validas de Daisy foram amarradas e levadas para a mata. Duas, as irmãs Kate e Luana Silva, foram encontras mortas e defloradas; Jéssica couto, a única sobrevivente, viveu o resto dos seus dias debaixo de um frenesi carnal satânico intercalado por lapsos ocasionais de moralidade cristã delirante, e finalmente as outras três,

Nate, Selie e Lucy, jamais foram vistas de novo, embora muitos relatos falassem sobre a presença das garotas entre os dutos sombrios que permeiam as grutas de Daisy.

Bem, estes fatos aconteceram em 1915. Porém, em 23 de outubro de 1965, durante uma apresentação da esquadrilha da fumaça para o Dia do Aviador, enquanto executava um voo rasante um piloto muito atento percebeu o corpo de uma garota numa picada da mata. Era uma jovem de cerca de vinte e um anos; estava nua e desacordada, com o corpo coberto por um líquido branco viscoso que era provavelmente o maior volume de esperma que alguém já vira. Havia restos ritualísticos ao entorno da picada e o desenho de uma enorme criatura grotesca riscado no solo nu, no entanto, tempos depois, ao recobrar a consciência, a jovem, que se chamava Sara e que era filha de um ribeirinho das redondezas, nunca soube explicar como fora parar ali e quem fizera aquilo com ela.

Em agosto de 1993 dois mochileiros chilenos se perderam na mata e quando foram achados, três semanas após o sumiço, estavam em estado de choque, desidratados e encolhidos no fundo pantanoso de uma ravina. Eles fizeram um relato bastante criterioso sobre o encontro que tiveram com “ seres animais e libidinosos de um gênero híbrido” que vivem nas profundezas insondáveis da floresta, mas como a polícia ambiental encontrou drogas entre os seus pertences, este relato logo caiu em descrédito, passando a ser objeto de um escárnio estranhamente apressado por parte das autoridades.

Claro que semelhante associação de ideias tão desarrazoadas não ficaria interdita ao folclore da cidade tão-somente. Ao longo dos anos soube-se que a natureza peculiar de Daisy, contando que ela, a cidade, tenha uma natureza, começou a chamar a atenção de certos estudiosos de diversos campos. Em algum momento de 1980, devido a

proliferação de seitas controversas aqui no Brasil e pela revisitação dos temas paranormais, houve um verdadeiro frenesi a respeito da morbidez de certas faixas de terra ao longo da costa do estado e como isso poderia constituir um atrativo para aclimatação de muitas teorias conspiratórias no seio do povo. Estudiosos da estirpe de Vital Lants estiveram aqui, em Daisy, a fim de estudar a atmosfera especial da cidade, mais especificamente o caso dos bebês deformados da Maternidade Santa Helena. É óbvio que o célebre autor de O Diabo e O Barro do Medo nunca encontrou nada substancial aqui a ponto de preencher os calhamaços de bizarrices sobrenaturais que sua pena estava habituada a preencher, mas, em conversas com os seus estudantes, o homem confessara que nunca sentira tão notadamente um certo desconforto como havia sentido durante sua estada em Daisy. Embora não tivesse conseguido registrar um único caso de assombração, uma única prova que comprovasse a existência de seitas satanistas em Daisy, a despeito de todos os rumores, nunca os membros da equipe de Lants ficaram tão incomodados como nos dias em que permaneceram na cidade, a ponto de um deles, talvez o responsável pelas anotações de Lants, ameaçar deixar a excursão no meio dos trabalhos. Havia razões práticas para isso. Primeiro Lants adoecera, depois a sua diretora sofrera um acidente em uma das janelas do convento das Irmãs Ursulinas que lhe rendeu alguns pontos na mão direita. Posteriormente, um membro terceirizado da equipe sofreu um infarto fulminante enquanto praticava tiro ao alvo no seu quarto de hotel. Tudo isso, fora os desentendimentos, as brigas constantes entre Lants e os demais, e entre estes mesmos; a tensão crescente de que algo não estava certo ali. Com efeito, a perspicácia de Lants não o levaria a outro caminho a não ser concluir que Daisy era uma redoma insidiosa que influía de maneira cabal e perversa sobre o

temperamento das pessoas. A cidade toda era um maldito pedaço de terra infame e abominável, assombrada e consciente, condenada a vagar nas areias do tempo pela força da sua perversão ancestral.

Claro que nem toda hospitalidade do povo daqui foi suficiente para remover uma ideia dessa da cabeça de um estudioso como o Dr. Lants, e logo o homem tratou de incluir Daisy entre os Dez Destinos Mais Assombrados da revista Time. Ele até chegou a afirmar em entrevista que se alguém tinha algo a fazer em Daisy era melhor marcar sessões de lobotomia com o psiquiatra antes ou evitar estar na cidade.

*De qualquer forma, o seu desfavor ajudou bastante a difundir a mitologia macabra da cidade pelo país, mas não de uma forma que as pessoas possam ser advertidas sobre a real natureza do mal que mora aqui. Daisy tem os seus próprios demônios e isso não é uma simples força de expressão. O Professor Clóvis Sobrinho Santana afirma em sua obra definitiva, *Os Homens e Sua Relação com a Terra*, que certos acontecimentos históricos ficam de tal maneira arraigados dentro do consciente coletivo de determinados lugares, seja por sua natureza hedionda ou notadamente sombria, seja por sua relevância social, que mito e realidade, o fantástico e o tangível, passam a ter a mesma importância nas tomadas de decisões do seu povo. O estudioso cita Daisy como exemplo. O fato de, em 1765, o lugar ter sido palco de um dos maiores massacres de indígenas por parte dos colonizadores portugueses parece ter dado esteira para toda uma sorte de superstições a respeito da malignidade infecciosa das terras que antes pertenciam aos Tupinambás e que hoje compreendem boa parte da cidade. Naturalmente o Professor Santana, assim como Lants, não ignora as pesquisas muito criteriosas de Sheidegger sobre a enorme quantidade de sangue indígena inocente que foi despejada no Rio*

Cururupe, e como isso, dentro de um animismo hipotético, pode alterar a topologia espiritual do lugar. Uma casa em cujos cômodos houve desgraças e assassinios, não pode ser considerado um lugar no mínimo salutar para se viver, assim como uma cidade que tem os maiores índices de suicídios, mortes violentas e casos de loucura do estado, não pode ser vista como um remanso aprazível para criar os seus filhos.

E no entanto, Daisy é uma cidade pequena como outra qualquer, talvez por isso mesmo, seja tão aterrador saber que aqui há tantas histórias vis que se entrelaçam não raro com a doçura e o amor. Aqui vocês ainda vão encontrar blocos de apartamentos da década passada, num estilo arquitetônico duvidoso, mas muito bem construídos; pracinhas bucólicas com parquinhos de madeira para crianças e um pé de amora silvestre no centro, ou talvez uma mangueira frondosa como a que fica no centro da Roosevelt. Se alguém vir o Homem do Leite ou o Garoto da Verdura chacoalhando a pasmeira das manhãs ensolaradas não é mera coincidência; as ruas de Daisy, ladrilhadas ou calçadas, são terrivelmente pacatas, com esquinas que geralmente terminam num bar ou numa banca de revista, ou ainda numa padaria.

Os orelhões das antigas companhias telefônicas estaduais ainda decoram de nostalgia alguns pontos específicos da cidade. São como velhas ruínas analógicas de um mundo ultrapassado que insiste em ficar. Em Daisy o tempo tem o seu próprio compasso. Vocês podem vê-lo no modo como os casais de velhinhos passeiam pela avenida beira-mar ainda conservando a pujança da juventude e na maneira como observam os mais jovens. A cidade é conservadora e nem quatro séculos de bons costumes sendo flagrantemente pisoteados pela hipocrisia foram capazes de lhe tirar esse ranço. De certa forma, todos aqui estão julgando e sob julgamento. É um jogo de espiões e de

contraespões. Nunca despreze o sujeito estranho na esquina ou o guarda simpático no sinal de trânsito. Eles guardam segredos, e os segredos daqui, na maioria das vezes, são bem medonhos. Todo mundo se lembra do Caso Souza. Ninguém suspeitava que o dono de supermercados tinha como hobby pregar garotas indefesas no cais do porto. Tudo isso causa certa impressão mas é típico daqui. Acho que foi matéria num grande jornal da capital a infame descoberta de ossos humanos durante as obras de dragagem das águas da baía em meados de 1996. Havia pelo menos três pares de fêmures e cinco crânios de tamanho médio mergulhados na lama no fundo do estuário lodoso. Nunca se soube a identidade desses infelizes, mas dado o número de estranhezas que acontecem aqui não surpreende que esses restos de cadáveres tenham sido encontrados em Daisy e não em outro lugar.

A cidade decerto tem certa aura amaldiçoada; um magnetismo sombrio que incide perversamente sobre sentidos incautos. A predisposição para o mal aqui é uma tragédia. Se vocês desejam matar certamente matarão; se querem vingança logo a cidade lhe ofertará condições para fazê-lo; se buscam a loucura, o ódio, o prazer e o mal, ela os mergulhará no abismo sem hesitação.

Não afirmo isso por histeria ou porque pretendo eximir-me dos erros que conscientemente cometi. Sou assassino confesso da minha esposa e também do amante dela. Deus tenha piedade da minha alma por isso, porém, sei que não o fiz sozinho. A cidade e sua miséria estiveram comigo o tempo todo, a açular a minha lucidez contra o bom senso. Quando ergui a faca apenas seguia os seus próprios mandamentos, o seu próprio evangelho pervertido de loucura e ódio.

Em 27 de setembro de 1989 o tribunal do júri, composto por cidadãos respeitáveis de Daisy, me condenou a 23 anos de reclusão em regime fechado, e logo fui mandado para a penitenciária Lemos de

Brito, em Ilhéus. Parece-me justo já que em toda literatura judicial nunca se descobriu um único caso em que uma cidade inteira (a cidade e não os seus habitantes) foi condenada como coautora de um crime. Agora, depois de exatos 13 anos, dois meses e quinze horas, o juiz Heinz Freitas resolveu me colocar em liberdade novamente. Algo típico do entendimento jurídico, que com o decorrer do tempo, tende a tornar válidas apelações que, lá atrás, serviam apenas como peças de escárnio.

De qualquer maneira, paguei pelo meu crime e estou livre. A redoma maligna e torpe de Daisy tem sido o meu lar há duas semanas. Vou voltar a caminhar por estas ruas, olhar de novo na cara das pessoas e respirar esse ar nefasto.

A velha casa azul com cornijas

Bodão e Romerito não eram apenas dois garotos que compartilhavam o mesmo sobrenome. Os filhos de Pedro — da Arapuã, quando a Arapuã ainda vendia artigos de casa com os melhores descontos do mundo — eram irmãos no velho sentido da palavra, quando isso queria dizer que eles podiam passar o dia inteiro juntos e nunca se cansariam um do outro. Naquela manhã, porém, com os restos esfriados de fevereiro ameaçando desaparecer sob uma pequena e providencial enxurrada, um 4,5 trágico no boletim, conselho de classe, aulas de reforço e um contratempo nas finanças da família, tinham limitado o verão aos vinte e cinco metros de quintal da casa, pelo menos para um deles. No fundo, Bodão estava feliz por não ir para casa de Tia Carla. É verdade que Marina estaria lá também, linda, loira e dourada de sol poente; é verdade que Tia Carla deixava ele e o irmão mais velho tomar refrigerante de tutti-frutti com um doce chamado ambrosia que era provavelmente a melhor coisa doce do mundo; era verdade também que havia uma piscina na casa de Tia Carla e uma enorme televisão com videogame e tv a cabo, mas para um garoto como ele, que sonhava ser atacante e marcar muitos gols, nenhuma cidade valia a pena de verdade quando se tinha a impressão que todas as ruas eram ladeiras com precipício. Quando se jogava bola em terrenos baldios inclinados para o centro da Terra você tem certeza que apenas um dos lados seria favorecido.

— Vamos logo ! A gente volta antes da mãe chegar — propôs Bodão com um olhar vivo e atrevido sobre o buraco encoberto rente ao muro — É só ter cuidado pra não sujar nossa roupa e pronto. *Vapt ! Vupt !*

Romerito, de shorts cinza acima do umbigo e camisa estampada com dois bolsos frontais que lhe serviam para levar o badoque ou as

bolas de gude, parecia julgar a possibilidade da proposta dar errado e ele ficar de castigo até o próximo verão. Depois de aprontar das suas, a mãe sempre falava que iria pegar ele com cipó de fedegoso e colocá-lo de joelhos no milho. Nada muito além das ameaças mortais que todas as mães do Universo expelem pelas ventas todos dias, mas ele temia as pequenas escaramuças, o corte do dinheiro da merenda, o olhar de extrema decepção dela e do pai, o que no fundo, era levemente pior que uma surra improvável no milho e na água de sal.

— Tá, mas se alguma coisa der errado eu que vou me ferrar — deduziu sorrindo com escárnio da jardineira cor de limão, com broches e fivelas, que o irmão caçula usava e que realçava perigosamente a sua pança de comilão — Eu é que estou de castigo, não você.

— Se você não fosse tão burro a gente não estaria nessa situação agora — Bodão, apesar de mais novo, tinha muito pouca piedade da limitação matemática do irmão, embora isso às vezes lhe custasse alguns hematomas — A galera toda tá lá fora agora, no campinho. Aposto que os metidinhos da Rua do Sapo já apareceram também. Você sabe que Titifaiti ganhou um cachorro ensinado e que tem olho azul ?

Rito fez um gesto de irritação que comunicava os seu desprezo pelos riquinhos da Rua do Sapo.

— Tô nem aí ! Gordo tem um vira-lata que não tem nem olho.

— E que morde de verdade. Além disso ele não é que nem o cachorro de André que deixa os outros montar em cima dele como uma bicha.

Os dois irmãos caíram numa gargalhada estridente cheia de entusiasmo. O problema difícil de engolir para eles era que os garotos da Rua do Sapo não eram só filhinhos de papai, eram também bons de bola e bons de briga, tão bons ou melhores que os pivetes da Ladeira da Água Brusca, embora fossem três anos abaixo da geração deles. A igualdade de condições nessa rivalidade entre a Rua Argélia e a Rua do

Sapo parecia bem injusta para os irmãos encarcerados ali no quintal de casa.

Quando um sussurrante alarido de vozes dispersas surgiu no ar pastoso daquela manhã nublada eles não tiveram dúvidas de que seria justo infringir temporariamente as regras impostas pelos pais e irem dar uma olhada no Shopping, que era como chamavam o campinho de barro da rua. Talvez no livro de regras de Dona Gigi houvesse uma concessão a filho desobediente que não queria deixar o irmão mais novo andando sozinho na rua.

Romerito deslocou a tábua solta por trás dos vasos de planta da mãe para que Bodão pudesse passar. Depois foi a vez dele. Entre o paraíso e o muro agora só havia um terreno baldio com algumas pilhas de cascalho de construção no meio e uma goiabeira branca com ramos que pendiam para o quintal. Os dois irmãos suspiraram de alegria ao encher os pulmões com o ar da manhã, impregnado de aromas desafiadores. Romerito e Bodão tinham doze e dez anos respectivamente e ainda estavam na idade em que todas as coisas do mundo pareciam dotadas de uma aura mágica altamente significativa. Quando a garota do tempo advertia que um eclipse solar teria lugar a tal hora do outro dia eles realmente acreditavam que o bairro, a cidade, o mundo, iriam escurecer na treva e os seus olhos iriam queimar se eles não usassem placas de raios-x para observar o acontecimento. Se a comitiva de um circo aparecia na cidade com palhaços com pernas de pau eles realmente vibravam com isso como se fosse a vinda do Messias para o bairro. Bem, e se a mãe avisava para não ficarem na rua até tarde porque havia um carro preto que raptava crianças para fazer linguiça, então não havia intrépido ou valentão que não respeitasse tal limite. Freddy Krueger, Jason, o Velho do Saco, Pinhead, Chuck, eram monstros de verdade, que brotavam do escuro no quarto e faziam o garoto suar miseravelmente debaixo das cobertas, único lugar sagrado onde eles não podiam ir. O mundo dos adultos é mais triste e

melancólico porque eles deixaram a fantasia perder o significado. O coração de uma criança é potro selvagem perseguindo o vento; o coração de um adulto é um órgão com artérias, veias e quatro ventrículos que podem falhar.

Os dois meninos olharam a vastidão da rua. Marcos Lins e o irmão estavam no lugar de sempre, reparando o Cartepillar imprestável que o pai deixara ao morrer. Os irmãos viviam sujos de graxa e o monstrengo corrugado de ferrugem e salitre estava estacionado na porta deles desde que os garotos se mudaram para o bairro. Os irmãos Lins tocavam o serviço de terraplanagem que herdaram do pai e trabalhavam dois dias e ficavam debaixo do trator velho o restante da semana. Era quase como uma obsessão ou uma promessa. A janela dos Fontes também estava aberta para o terreno baldio, assim como O Milagre de Sortimento Empório, do velho Pascoal, e onde os pais de Romerito e Bodão tinham o nome na coluna azul do caderno de bons pagadores do velho.

— Dá pra ir ? — perguntou Bodão preocupado.

O irmão deu outra olhada.

— Tudo limpo.

Eles pularam a cerca. A rua do fundo se ofereceu para eles em toda a sua extensão. O bom de se estar ali era que havia a perspectiva de encontrar um mundo onde eles próprios faziam as leis.

— E então, o quê que a gente faz ? — perguntou apreensivo Romerito olhando para a esquina — Vamos esperar a ponga ou ir andando mesmo ?

Bodão achou melhor uma chegada apoteótica, com os dois empoleirados na traseira do velho Mercedes do Seu Durval. O homem costumava passar por volta das dez horas da matina e retornava roncando depois das três da tarde ou já à tardinha, quando o céu já estava meio tingido de tons alaranjados. Dali eles podiam ver o caminhão parado na calçada, com o para-lama sujo de barro ressequido de sol e algo como “

Guarde o seu olho gordo para olhar para Deus ” escrito em letras chamativas e espalhafatosas na carroceria. Eles esperaram cinco ou seis minutos antes do homem se decidir. De repente a voz retumbante do motor bem azeitado do Mercedes colocou-os em alerta total. Rapidamente eles correram até o trailer Dog de Responsa parado na calçada da casa do alemão Wilhelm e se esconderam sob a copa frondosa de uma amendoeira enrugada. Durval Costa - ou simplesmente Durval do Caminhão - pai de Pipa e de Doralice Simas do sétimo ano, terminou de afivelar o cinto da calça do uniforme com o logotipo da Companhia das Docas de Ilhéus e carregou os seus quase dois metros de um corpo esguio e enxuto até o degrau da boleia, de onde supervisionou alguma coisa nos para-brisas e depois ele entrou para dar a partida.

— Vê se não faz como da última vez — lembrou Romerito — Você só pula quando eu disser pra pular. Se ele acelerar - e você sabe que ele sempre acelera - a gente salta na esquina, combinado ?

Bodão sabia o que aquilo queria dizer. Ele era gordo demais pra pegar ponga em caminhões, por isso ouviu apreensivo as recomendações do irmão mais velho. Romerito era exímio pegador de pongas. Começara na carroça trucada de Jones Carroceiro e logo progredira para a D-50 com carroceria de madeira do Pastor Abdias. Com dez anos e algumas cicatrizes nos joelhos - ele sempre aparecia com um tampão a menos na bolota da perna - ele estreara no Mercedes do Seu Durval. Nada comparado ao que os garotos da Mangueira faziam, os quais eram capazes de se deslocarem de um bairro para outro pegando carona no vão das portas traseiras dos ônibus, mas para ele, já era alguma coisa. Já Bodão, menor e mais pesado, ainda estava debutando nos perigos e aventuras daquela arte ilícita que era provavelmente o Everest das razões para se levar uma baita de uma surra e ficar de joelhos no feijão.

— Tá bom — concordou o garoto observando a aproximação do caminhão.

– Quando eu disser já a gente corre. Já !!!

O Mercedes já havia passado pelo trailer havia pelo menos cinco segundos e eles sabiam que aquilo em questão de ponga era um enormidade, a diferença entre o sucesso e a total e constrangedora frustração. A descarga do veículo soltava baforadas de fumaças pestilentas no ar limpo e convidativo da manhã. Os irmãos dispararam numa perseguição inglória pela larga rua de chão batido. Durval Costa espiou pelo retrovisor, balançou a cabeça e fez o motor roncar ainda mais. *Rronhou !! Rronhou !!* E um assobio, depois outro *Rronhou ! Rronhou !* E outro assobio. Romerito podia ver as calotas brilhantes das rodas se distanciando vergonhosamente, assim como a barra de ferro da traseira do caminhão. Bodão já tinha perdido o fôlego lá atrás. Para eles só restava capitular e ir andando até o campinho. Tinham que reconhecer que Durval Costa era um sujeito difícil de passar pra trás, caviloso. Foi então que uma eventualidade simpática reacendeu as esperanças dos dois garotos. Dona Bete voltava do mercado em companhia de Geórgia Landes – que os meninos chamavam de moleque-macho só porque ela jogava bola e que era provavelmente o moleque-macho por quem secretamente todo mundo ficava babando – e o homem teve que parar gentilmente o caminhão para deixar mãe e filha passarem para o outro lado da rua. Romerito e Bodão não pensaram duas vezes e dispararam numa corrida desesperada, alcançando a barra horizontal da traseira do caminhão um segundo antes do asqueroso Durval Costa retomar a marcha.

Foram dezenove segundos da mais pura glória, a ponto de eles acenarem de modo temerário para Geórgia Landes do outro lado da rua. A menina retribuiu com um sorriso discreto e olhou para a mãe como se olhasse para um juiz da Santa Inquisição. Dona Bete, que era diretora de um colégio particular, encarou a filha sem perceber os gestos galantes dos transgressores que se afastavam.

Na esquina, como combinado, os dois garotos saltaram. Os adultos nunca compreenderão o que é o caminho para o campinho para duas crianças fora-da-lei. É como o tapete vermelho do Oscar ou o corredor dos perdedores para saudar o time de futebol campeão. Bodão e Rito sabiam e tiraram vantagens disso. Quando transpuseram o limite da cerca de arame e pegaram o ramal estreito até o campo a primeira coisa que anunciaram foi que tinham pegado ponga na lata velha do Seu Durval e que Geórgia poderia provar isso.

– Tá mentindo. Eu não acredito. Vocês não pegam ponga nem num carrinho de bebê, quanto mais no Olhos Famintos do Seu Durval – era a voz de Artur Badaró sentado na borda do tanque de concreto, com uma perna suspensa no ar e a outra dobrada sob o corpo magro, de aluno de natação. Tchutchudown, cujo pai tinha sido um zagueiro profissional de verdade, cochichou alguma coisa com ele.

– Se não acreditam perguntem a Geórgia quando ela chegar – reiterou Romerito.

– O quê que tem a minha irmã? – perguntou Guilherme saindo de trás de uma coluna próximo as traves.

– Ela viu a gente pegando carona no caminhão do Seu Durval – explicou Bodão.

O garoto, sem camisa e com as bochechas vermelhas cobertas de protetor solar – da Johansson & Johansson certamente, uma vez que era um dos filhinhos de papai da rua – acolheu esta informação com um gesto de inequívoco desprezo.

– Grandes coisas ! Eu já peguei carona num trator – disse.

Os outros garotos, incluindo Badaró, sorriram e se adiantaram para o campo de barro. Era sempre a mesma coisa. Os Landes tinham a melhor casa, o melhor carro, o melhor emprego e por consequência o filhinho tinha que ser bom em tudo também, ou pelo menos, aparentar ser. *O importante não é ser rico, é aparentar ser. Você não vai encontrar*

grandes amizades por aí se não tiver amor-próprio. Era o conselho típico de Dona Bete.

— É, eu sei. Você já pegou ponga num foguete — Bodão tinha um sarcasmo bem simples e direto para gente como Guilherme Landes. Ele não tinha nem apelido. Alfredo Silva, cujo pai trabalhava como cobrador de ônibus na Gabriela, era Morotó; Aline Garcia, que havia ganhado um concurso controverso como Miss Mangueira — talvez porque era filha da presidenta da associação de moradores — atendia às vezes como Olívia Palito; Jaime Justino era o Gordo, e Érica Lacerda gostava que os garotos das séries superiores a chamassem de Kinha. Já os filhotinhos da mamãe como Guilherme e Geórgia Landes, tinham um nome e sobrenome de cartório e geralmente estudavam em colégios particulares.

Dentro das quatro linhas do Shopping as coisas se igualavam democraticamente. O campo de futebol da rua de trás não tinha esse nome à toa. Era um quadrado enorme onde uma construtora falida deixou duas carcaças ainda mais enormes de concreto e ferro para trás. A primeira das estruturas tinha cinco andares incompletos com um assustador vão de elevador no meio, e a segunda era apenas como uma imensa plataforma térrea do outro lado. O campinho de barro batido ficava exatamente no meio dessas duas ruínas ociosas, de modo que se poderia dizer que os garotos das duas ruas jogavam futebol num verdadeiro estádio com arquibancadas verticais sem proteção. Nos finais de semana o lugar coalhava-se de garotos estridentes e arruaceiros, perpetradores das grandes infâmias e disputas do futebol. Mas não eram só garotos. Algumas colunas estavam cheias de pichações obscenas feitas com carvão e giz. Alguém obcecado por falos esculpiu um grotesco pênis de barro no último andar que apontava diretamente para o céu. Quase sempre os meninos topavam com camisinhas usadas espalhadas pelos cômodos, como se tivesse havido uma orgia sem precedentes lá em cima. À noite, o lugar mergulhava na mais maciça escuridão, mas segundo

boatos, alguns grupos de jovens se dirigiam para lá, em datas especiais do calendário, a fim de acender fogueiras e dançar. O pai de Romerito e Bodão dizia que não havia nada de errado em alguns mendigos se abrigarem no Shopping em noite de chuva e acender algumas fogueiras para se protegerem do frio. Os irmãos sabiam que não eram mendigos, pois mendigos sempre deixavam vestígios para trás. No caso do Shopping as únicas coisas que ficavam para trás eram os desenhos misteriosos nas paredes e as manchas de carvão no chão. E depois, todo mundo sabia que o lugar era evitado à noite e que a associação de moradores tinha feito um abaixo-assinado e oficiado a prefeitura. Por fim, havia aquela casa com fama ruim do outro lado da pista, e a mata próxima ao mar. No fundo, poucas crianças se atreviam a atravessar todo o ramal sombrio que levava ao outro extremo do terreno e entrar na floresta. No verão, quando os pés se enchiam de cajus vermelhos e amarelos, alguns garotos, mais velhos e mais valentes, iam lá, olhavam a casa decrépita com suas mansardas antiquadas e sinistras, quase que tomada pelo avanço da mata, espiavam por alguma greta e desapareciam nos cajueiros que ficavam às margens da grande rodovia estadual construída em 1968. Nem Victor Pastor admitia dar um passo a mais floresta a dentro. Os mais velhos falavam sobre coisas antigas que estavam habitando lá antes do século dezesseis, mas para os meninos isso soava como o Professor Almerindo Salles, de estudos regionais, pedindo para eles entregarem um trabalho em papel pautado sobre o curupira; a única coisa real era a trabalhadeira e o papel pautado.

O único marco visível que separava os limites do Shopping da calçada da rua era uma cerca de arame farpado coberta por um matagal mais ou menos cortante. Ali também era o único acesso viável ao campinho de barro, já que, além da faixa paralela a estrada, havia dois muros contornando dois terços do lugar, um que dava para o fundo da Portugal ; a outra era apenas a divisa de um imenso terreno baldio e plano que, na verdade, constituía a esquina daquele quadrado de quase

duas hectares de terra deixados para trás pela construtora. Os garotos sabiam que quando vinha gente da parte da estrada, geralmente era problema, porque se tratavam dos garotos mais velhos dos outros bairros. Mas se vinham pela rua, ah, então era só diversão e festa. Naquela manhã de céu carrancudo, propício para o futebol, as crianças começaram a brotar às pencas. Normalmente apareciam por volta das dez, em duplas ou em trio, mas como se tratava dos últimos brilhos do verão e era sábado, com todo o tempo do mundo livre, eles resolveram sair das tocas em coordenação. Em menos de meia hora de espera já havia pelo menos três equipes e meia prontas para serem montadas. Como rezava a longa tradição da rua, os líderes técnicos, os garotos mais velhos e os que podiam socar impunemente o seu nariz, tinham a prioridade na hora de escolher os jogadores, no entanto, como naquele dia, eles tinham a sorte de contar com a presença perfumada de Geórgia Landes e de um dono da bola plenipotenciário, como era o caso de Rabicó. Com efeito, nenhum dos líderes de praxe protestou quando os dois saltaram do tanque e se dirigiram para o centro do campo.

– Eu escolho par – disse Geórgia Landes, sempre muito grave e concentrada.

– Ímpar – juntou Nicodemos Alvarenga Nascimento Jr. – o pai dele era um advogado de prestígio.

Mostraram as mãos ao mesmo tempo. A contagem rápida deu oito, portanto Geórgia ficou com a prioridade de escolher o primeiro jogador da sua equipe. Uma onda de expectativa percorreu os rostos suados. Quem não gostaria de ser escolhido por Geórgia Landes. Ela até poderia usar roupas largas, bermudas com estampas de caveira e cabelos curtos, mas ainda assim, era a menina mais inteligente, casca grossa e bonita do bairro. Ah, e quando ela resolvia bancar a menininha delicada, com batom e brincos na orelha, não havia como negar a sua supremacia sobre as demais, nem Bianca Arruda ou Aline Garcia podiam fazer frente a ela.

– Eu escolho... Sid – disse a menina apontando para o melhor defensor da rua. A escolha óbvia frustrou alguns rostos. Anderson achava que seria o escolhido por ser o mais gentil e sempre proteger a garota das piadas infames das outras crianças. Badaró tinha certeza que a irmã do seu melhor amigo tinha uma queda por ele. Du e Bibico, porque eram os melhores da turma e marcavam muitos gols.

– Tiago – era a vez de Rabicó.

– Gui então.

– Ah, vai escolher o irmãozinho cara de talco ? – o menino fez uma cara de menoscabo e pareceu hesitar entre Romerito, Tchutchudown e Titifaite – Hummm...vamos ver... Eu escolho... Arapuã.

Naturalmente a risada foi geral quando Alvarenga chamou Romerito pelo nome da loja onde o pai dele trabalhava, mas o garoto ficou feliz por sair jogando de primeira e não ter que esperar quinze minutos fora.

– Eu sou Arapuã e você é Supermercado Delta – contra-atacou enquanto se dirigia para o centro do “gramado”.

– Tody – prosseguiu Geórgia.

– Lu.

– André.

– Qual André? – hesitou Rabicó fazendo mais um traço no chão de barro batido.

– O da sua rua – observou Geórgia Landes, não deixando dúvidas de que, longe dos parâmetros controversos e pessoais do Dono da Bola, ela seguia critérios estritamente técnicos.

– Tchutchudown então.

Com efeito, escolhidas duas equipes de seis jogadores, um dos garotos, e no caso em questão foi Mateus da Hora, ganhou a prioridade de escolher um terceiro time que iria substituir o perdedor daquele primeiro jogo. A única regra era que os meninos que já haviam jogada

não podiam ser escolhidos, a não ser, é claro, que tivessem que escolher entre um café-com-leite que estivesse fora, como Jefinho, e um jogador de dentro. Nesse caso, o líder poderia optar por um dos dois, e se a disparidade técnica entre ambos os postulantes à vaga não fosse tão gritante assim, poderia se abrir uma querela.

Rabicó poderia ter perdido o primeiro par ou ímpar, mas o segundo foi dele.

— Eu quero a bola — escolheu alongando as pernas de um modo quase cômico, já que, assim como Bodão, Gordo e Tody, tinha que lidar com um sobrepeso humilhante.

A partida começou com ambos os adversários se estudando, tocando muito de lado, sem apresentar uma solução mais objetiva na direção do gol. De repente, André deu um dribla desconcertante em Tchutchudown, avançou pela esquerda e chutou cruzado. Guilherme Landes só fez escorar com a chapa do pé, mas a bola passou riscando a trave e explodiu com estrondo na coluna de concreto que ficava atrás do gol.

Alvarenga Jr. imediatamente chamou Rito e Lu à atenção. O dono da bola - da Nike, vulcanizada, com dois meses de uso - pediu mais cuidado nas laterais e uma marcação mais agressiva no meio.

Logo depois, após um lateral mal cobrado, Romerito acabou dando um passe errado para Tody, na boca da área. Apesar de gordinho, o garoto girou rápido, dando um tapinha na frente de Lu, e tocando para Geórgia Landes. A menina então mostrou porque era a melhor do bairro. Com quase um metro e oitenta, Tchutchu veio rasgando na diagonal, num carrinho perigoso, mas Geórgia apenas cavou a bola sobre as pernas flutuantes dele e saiu desequilibrada. Não o suficiente para Tiago retomar a bola dela. Ela simplesmente fez que ia para um lado, voltou e enfiou a bola entre as pernas do garoto. O público, formado por rejeitados e simpatizantes ferrenhos da garota, foi a loucura, ainda mais que Geórgia Landes vestia um short folgado, de estampa, quase proibido

para uma garota fazer movimentos amplos demais sem correr o risco de mostrar a calcinha.

– Tomou nas pernas vivirou galinha ! – gritou Titifaiti num esforço hercúleo para botar aquela frase para fora da garganta. O menino, magricelo e esquisito, não ganhara aquele apelido de Victor Pastor à toa. Sempre que ele buscava um parceiro de jogatina na rua ele apregoava na sua língua de gago difícil: *Ei, vavamos jogar Titi Faiti lá lá em casa*. Como era de se esperar, uma hora a dificuldade de Marco Antônio – o seu nome de batismo –, de pronunciar *Street Fighters* cobraria os seus direitos.

– Vocês viram ? É branca – disse Bodão se referindo a cor da calcinha de Geórgia Landes.

– Branco você vai ficar se o irmão dela ouvir – ameaçou André Tapajós buscando o apoio de Tatu com o olhar.

– Por quê? Você tem medo dele ? – reagiu Bodão num tom de desafio – Soube que ele dedou sua irmãzinha lá na árvore da serraria.

– O seu cu. Minha irmã dá dois dele e o namorado dela faz judô.

Nesse momento, um dos garotos – se Victor Pastor estivesse entre eles certamente seria o responsável, uma vez que ele gostava de bancar o senhor das gracinhas –, teve a ideia genial de esculpir um enorme pênis de areia atrás de Bodão. Quando ele deixou de encarar André Tapajós e se sentou na relva o falo foi subitamente esmagado pelo traseiro dele e todos caíram numa gargalhada cheia de escárnio. O irmão mais novo de Romerito ficou olhando para os lados sem compreender que tinha sido vítima de uma conjura coletiva de proporções odiosas. A sorte do menino foi que Geórgia Landes acabara de acertar um chute que cruzara toda a linha intermediária do campo, batera na trave esquerda, no travessão e entrara no gol de modo indefensável. Rabicó começou a esbravejar com os companheiros. Dois gols a zero significava que a equipe teria que deixar forçosamente o campo de jogo e ser

substituída por outra. Foi a vez de Mateus fazer suas escolhas. Bodão, Titifaiti, Rumeniggue, Anderson e Bibico. Uma bela equipe com uma linha de defesa defasada, já que o único que marcava de fato era Anderson. A partida acabou indo para os pênaltis, com cobranças alternadas. Sid marcou o gol decisivo para o time de Geórgia Landes, depois do chute errado de Rumeniggue.

A essa altura eles já sabiam que a equipe de Geórgia Landes iria alugar o campo e a única alternativa para acabar com a hegemonia deles seria formar uma seleção da Fifa com os melhores das duas ruas que estavam fora. As tratativas se iniciaram imediatamente, mas alguns meninos se opuseram.

— Se a gente fizer isso vai dá no mesmo — argumentou Gordo — O melhor é cansar eles e tentar vencer durante os quinze minutos.

— Eu não sei...Eles tão entrosados — retrucou Lu enxugando o suor da testa.

O impasse perdurou por alguns minutos sem que ninguém chegasse a uma conclusão definitiva. Ralf Donato e Melk brincavam com os outros numa roda de bobo e pareciam atentos ao que eles discutiam.

— Vocês parecem um bando de mocinhas que não se garante — atacou o primeiro destacando-se da roda e vindo até o grupo — Quando eu entrar aí vocês vão ver. Eu não tenho medo deles. Hoje eu tou no meu dia de sorte. Ontem de tarde eu rapei Ivan na barca. Sabe Ivan, o garoto novato da Bela Vista que limpou todo mundo na quinta ? As gudes dele e as de vocês fracotes tão todas lá em casa, inclusive a sua carambola dedeira e a esfera de trator que ele jogava.

— Você é um mentiroso ! — exclamou André Tapajós levantando um dedo acusador na direção de Ralf Donato — Sei que suas gudes foram parar na mão dos Cata-Tudo.

Diante de afronta tão taxativa Ralf Donato foi na direção de André de testa franzida.

— Se é mentira então a gente aposta aquele seu boneco grande do Hulk no meu carro de pau com para-lamas — propôs num passe arriscado.

André pareceu hesitar. Não tinha tanta certeza assim que os irmãos Cata-Tudo eram tão bons na gude a ponto de pelar Ralf Donato. Por outro lado, nem de longe, a técnica rudimentar de Ralf parecia páreo para a canhota certa da novata da Bela Vista. O garoto magrelo, risonho e dentuço (ninguém sabia se ele era risonho porque era dentuço) surgiu do nada, entrou com meia dúzia de gudes azuis tímido de novas - provavelmente porque queria dar a entender que as havia comprado na Bomboniere do Seu Tônico, como qualquer cabaço faria - escondeu o jogo, a princípio, e no final, à tardinha, estava com as mãos e os bolsos abarrotados com as gudes da turma toda. Sid ficou completamente chocado quando viu o menino casando na barca algumas das suas dentes de leite mais certas e preciosas. Os cocões cor de esmeralda com listas tricolores no interior que outrora pertenceram a Tody ele não fazia qualquer questão de manter à mão. Serviam para pingar. Com efeito, todos se deram conta que o que importava para Ivan eram as gudes velhas, já puídas, pois encaixavam-se melhor entre os seus dedos esqueléticos. O primeiro a cair tinha sido Fred Cata-Tudo e o último, Victor Pastor, cuja carambola preferida fora destruída pela esfera de trator de Ivan, numa suprema humilhação que fez o garoto se ilhar dois dias em casa. Na verdade, tudo indicava que ele ainda estava cumprindo aquele autoexílio.

— O meu pai não deixa eu apostar os meus brinquedos. Eles custam caro — disse André Tapajós com empáfia — Ainda mais com um carro de pau que você mesmo fez.

— Eu não fiz, troquei ele pela minha coleção de latinhas.

— Você trocou a sua coleção de latinhas por um carro de pau ?
— repetiu Artur Badaró com espanto — Aquelas importadas também?

— Todas.

– E as repetidas ?

– Todas – reiterou Ralf Donato. Ele sabia que Artur Badaró também colecionava latinhas e estava desesperado por adquirir alguns itens raros da sua coleção, chegando a lhe oferecer uma das abóboras verdes que o garoto estava cevando no terreno baldio de Seu Juracy em troca de duas latinhas de cervejas holandesas. Ralf achou um acinte a proposta e pediu além da abóbora, a melancia quase madura que Artur escondera no terreno baldio perto da casa de Alvarenga Jr. Claro, se os Irmãos Cata-Tudo não arrancassem as duas antes. Diante da recusa de Badaró – o menino, assim como os outros garotos, talhara um RB bem grande na casca da abóbora e da melancia, para que qualquer outra criança que frequentasse os terrenos baldios do bairro, soubesse que elas já tinham um dono – não achara que seria um bom negócio, afinal de contas, toda criança sabe o que é encontrar uma abóbora num terreno baldio, talhar seu nome ali, e só você vê-la crescer.

– Próxima !! – gritou Bibico erguendo o pulso para mostrar o relógio. Os quinze minutos tinham expirado tão rápido quanto os últimos vestígios de sol no céu estranhamente sombrio daquela manhã.

Como era de se esperar, a equipe vencedora continuava sendo a mesma. Geórgia Landes pediu um tempo para beber água e molhar o rosto no cano ao lado do tanque. E como a presença da garota funcionava como um ímã humano para idiotizar meninos, e olha que ela não tinha os seios de Bec, nem era uma sumidade promíscua como Sheila Mara, a maioria imitou o gesto dela.

– Ei, olha aquela nuvem ! Não parece uma baleia saindo do mar – quem fez a observação foi Romerito olhando um pedaço escuro do céu que avançava para cima do campinho vindo dos lados da Casa Morta, por cima dos fios de alta tensão. Sid e Anderson não se mostraram muito preocupados com o aspecto carrancudo do céu. Eles estavam mais atentos aos pequenos botões que Geórgia Landes deixava à mostra ao se curvar sob a torrente fria de água. Alguns risinhos e

cochichos brotaram nos rostos. Du cutucou Titifaiti de modo furtivo, já que estava ao lado de Gui Landes e, qualquer vacilo, e ele se daria conta de que todos estavam de olho no sutiã rosa da sua irmã.

– Você acha que vai chover, André ? – perguntou Tatu – Se eu chegar em casa molhado minha mãe me mata. Por isso, acho que vou sair fora.

– Não vai chover, é só uma nuvem – disse André.

– Pronto ! Falou a moça do tempo ! – atacou Artur Badaró metendo a cabeça sob a boca do cano que Rumenigge segurava. Ele se refrescou, inflou as bochechas de água e jogou pro alto, como vira os jogadores profissionais fazendo na televisão.

– Galera, vocês realmente não veem nada de estranho naquela nuvem ? – era a voz de advertência de Romerito de novo. Ele agora se achava no meio do campo e contemplava o céu com uma expressão bem apreensiva. Os outros garotos, mais afastados, não tinham percebido que alguma coisa estava errada no meio das nuvens.

– Ikki teve que explodir o cosmos para matar Shaka de Virgem. Você não assistiu o último episódio? – enquanto voltava para o campo Ralf Donato inteirava Mateus da Hora e Jefinho sobre as últimas novas dos Cavaleiros dos Zodíaco – Os dois morreram se explodindo no espaço.

– Sim, ele completou a página do Skate. Agora só falta uma figurinha, a de Van Der Sar – Sid tentava não parecer despeitado com o álbum quase completo de Victor Pastor.

– Cagado gastou todo o dinheiro com iogurte e biscoito recheado, mas o dinheiro era da mãe dele – explicava Gordo para Geórgia e Gui Landes – Ainda bem que eu nem tava na hora, só ouvi dizer.

Agora metade das crianças estava reunida no campo de barro, visto que Artur Badaró e Lu queriam desfazer o time de Geórgia e propor uma nova divisão. Enquanto eles discutiam e tentavam encontrar